

Palavras de Abertura
Colóquio Internacional de Filosofia e Ciências Humanas
"Lei, Segurança e Disciplina. Trinta anos depois de *Vigiar e Punir* de Michel
Foucault"

Ainda que breves, transitórias, abrindo-se na eminência do seu próprio desaparecimento, as palavras que aqui hei-de dizer não serão inteiramente escolha minha. Uma palavra precede a minha palavra. Uma ordem se insinua sob o que direi. Um ritual reclama aqui o seu cumprimento.

Ao ser chamada a tomar a palavra na abertura deste colóquio é previsível que comece por cumprimentar todos os presentes, por agradecer a todos os convidados, às instituições que nos recebem e apoiam, àqueles que connosco partilham responsabilidades de organização. E eu quero agradecer a todos: aos investigadores que vêm de fora, e são onze investigadores que vêm de Espanha, de França, de Itália, da Alemanha e do Brasil; aos catorze investigadores que vêm de dentro, daquilo que somos em conjunto, daquilo que inventamos aqui, cada um por seu lado; Ao Instituto Franco Português, às Embaixadas de França e do Brasil, à Fundação para a Ciência e a Tecnologia, aos outros dois Centros de Investigação que, connosco, se envolveram na organização deste colóquio (o Centro de História e Filosofia das Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e o Centro de Comunicação e Linguagem também da Universidade Nova). Sem o apoio de todos, este colóquio não teria saído da improbabilidade em que foi sonhado e as vinte cinco comunicações que aqui serão apresentadas ao longo de três dias de trabalho, sobre áreas tão diversas como Direito, Filosofia, História, Arquitectura, Sociologia, Estética, Psiquiatria, Teoria Literária, Semiótica, não chegariam talvez nunca a ser construídas. Talvez nunca viessem mesmo a ser pensadas. Nunca chegariam a ser ditas.

Ao tomar a palavra nesta sessão de abertura, algures, lá, cabe-me ainda explicar por que razão o Centro de Investigação que aqui represento – Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa – decidiu promover um colóquio sobre o tema “Lei, Segurança e Disciplina. 30 anos depois de *Vigiar e Punir*” de M. Foucault. Existem três razões principais.

Primeira - porque estamos particularmente interessados em pensar a relação entre a ciência e as instituições em que ela se produz. Não na perspectiva, que é a da Sociologia, que olha a ciência como uma actividade humana entre outras e que, portanto, procura caracterizá-la enquanto tal, mas sim na busca dos procedimentos estruturados, das incorporações históricas, das formas materiais que constituem as condições de possibilidade de produção de ciência, o seu *apriori* histórico, como diria Foucault. E aqui, a obra “Vigiar e Punir” revela-se cada vez mais actual e decisiva para pensar essa sombra institucional sobre a qual, ontem como hoje, se recortam as práticas científicas.

Segunda razão - porque temos consciência que “Vigiar e Punir” permite uma outra compreensão do modo como se constituíram as ciências humanas e, portanto, da sua natureza e especificidade. Num momento em que elas, as ciências humanas, quase deixaram de ser problema para si mesmas e se transformam, cada vez mais, em simples prolongamentos dos regimes de governamentalidade que era suposto questionarem, é decisivo recordar a sua arqueologia política, recordar o modo como, desde a sua origem, elas acompanham a história do poder disciplinar.

Terceira e última razão - o Centro de Filosofia das Ciências que represento é dos poucos centros de investigação em Portugal (senão o único) que não se constitui como prolongamento de um departamento universitário, mas, pelo contrário, resulta da convergência de investigadores de diferentes departamentos, diferentes faculdades e mesmo diferentes universidades, que trabalham em áreas de investigação muito diversas (da Física à Antropologia, da Matemática à Semiologia, da Biologia à Filosofia). Por essa razão, ele está interessado em – e talvez especialmente colocado para – pensar as arquitecturas e as arquitectónicas disciplinares. E, nesse sentido, a questão da disciplina, tal como Foucault a formulou e deu a ver na sua fundamental ambiguidade – enquanto poder normalizador e dispositivo de saber – não pode senão aparecer-nos como um tópico central do nosso trabalho.

Onde pretendo chegar? Que quero eu afinal dizer?

Num colóquio sobre Michel Foucault, saber que, naquilo que fui chamada a dizer, alguma coisa se insinuou sob aquilo que disse; saber que, ainda que as tenha escolhido com cuidado, as palavras que pronunciei obedeceram a uma ordem que se

cumpriu no meu dizer, essa consciência é qualquer coisa que, aqui - justamente aqui - se torna estridente.

Porquê? Porque, em grande medida, foi Foucault quem denunciou esse sussurrar inquietante que se diz naquilo que se disse, naquilo se dirá.

Estridência feita da incomodidade que decorre de eu saber que, naquilo mesmo que digo, alguém ou alguma coisa se diz em mim e por mim, que estou portanto condenada a obedecer a uma regra que não escolhi.

Estridência feita também da desocultação, do vislumbrar de uma margem qualquer donde – finalmente – a palavra (a minha, a vossa palavra) possa irromper insubmissa, livre e inquietada.

Que isso, aqui, tenha lugar é o desafio que nos está, hoje, aqui, lançado!